

# O QUE OS FRANCESES DESCOBRIRAM SÔBRE A INFLAÇÃO

*“Não devemos aceitar nada que conduza à inflação.”*  
—Charles De Gaulle, num discurso à nação em 28 de dezembro de 1958

Andre Visson

COM UM SENSO de economia e uma preocupação com o futuro tipicamente franceses, Roger Letourneau vendeu a casa que tinha na Normandia e adquiriu títulos de renda vitalícia que proporcionariam a êle e à sua espôsa um mínimo de conforto e segurança no fim da vida.

Foi isso em 1927.

Pelo fim de 1958, em consequên-



NATURAL da Rússia e educado na Europa Ocidental, Andre Visson é desde longa data um estudioso dos negócios internacionais e da política européia. Residindo atualmente em Paris, êle está intimamente ligado a muitos líderes da política e dos negócios franceses. Seu artigo descreve a situação intolerável que levou o govêrno de De Gaulle a adotar medidas financeiras drásticas, inclusive a desvalorização do franco em dezembro de 1958.

cia da desastrosa inflação na França, o custo de vida era 37 vêzes maior do que em 1927. E a viúva de Roger Letourneau viu-se privada do conforto que o marido quis proporcionar-lhe com o sacrifício do próprio lar.

Como “pessoa economicamente fraca”—para empregar a designação oficial francesa para vários milhões de indivíduos que vivem em semelhante penúria—Marie Letourneau recebe do govêrno uma pensão anual de 32.000 francos (11.400 cruzeiros). Essa insignificante quantia, somada à sua escassa renda, bem pouco faz para impedir que a fome lhe ronde a porta. O meio quilo de manteiga que ela comprava por 10 francos em 1927 custava recentemente 410 fran-



cos. Quando vai fazer compras, ela adquire um ovo de cada vez, um pouco de leite em dias alternados, uma fatia de presunto uma vez por semana. Assim, a inflação fêz de Marie Letourneau uma vítima.

O marceneiro Joseph Thomas, vizinho dela, deixou de trabalhar em 1938. Contava naquela época 63 anos e havia acumulado um pé-de-meia de dois milhões de francos. Parte dessa quantia estava depositada em caixas econômicas, parte provinha de títulos do govêrno e outra parte era representada por ações de emprêsas. Esperava êle ter uma vida agradável na velhice, mas não contava com a inflação.

Thomas ainda tem a sua renda de antes da guerra, de 60.000 francos anuais, reforçada pela subvenção do govêrno para as pessoas pobres. Sua renda total equivale a cêrca de 33.000 cruzeiros por ano! Viu-se obrigado a vender quase tudo o que possuía; treme de frio durante o inverno no seu quarto miserável, porque não está em condições de comprar carvão pelo seu preço atual de 1.000 francos por 45 quilos.

No mesmo sombrio e arruinado edifício de apartamentos, Alfred Mercier, de 78 anos, leva uma existência não menos miserável. Depois de trabalhar para o govêrno durante 30 anos, aposentou-se em 1940 com uma pensão anual de 50.000 francos. Homem econômico e com suficiente juízo para pensar na velhice, Mercier comprara em 1920 apólices de seguros que lhe renderiam outros 50.000

francos por ano depois dos 60 anos.

O pobre Mercier descobrira mais tarde que o seu sonho de uma velhice segura se transformara num pesadelo de miséria. Sete anos apenas depois de sua aposentadoria, os seus 100.000 francos haviam perdido 85% do seu poder aquisitivo. Para comprar o que poderia ter comprado em 1940 por 100.000 francos, êle precisaria em 1947 de uma renda de 666.000 francos! Para viver, mesmo num nível ínfimo de subsistência, Alfred Mercier teve de procurar trabalhos avulsos como contabilista. Tem 78 anos de idade e já não vê muito bem.

Essas vítimas da inflação não constituem de modo algum exceções. Cêrca de *quatro milhões* de mulheres e homens idosos, quase um décimo da população da França, auferem rendas inferiores ao "mínimo vital" oficialmente estabelecido, que é de 330.000 a 340.000 francos (120.000 cruzeiros) por ano. ✕

Todos os franceses que empregaram suas economias em títulos do govêrno ou em apólices com renda anual, quer antes, quer depois da Segunda Guerra Mundial, perderam a maior parte do seu capital. As dezenas de milhares de pessoas que em 1944 e 1945 empregaram seu dinheiro nos títulos de 3% do Empréstimo da Libertação estão hoje recebendo os mesmos juros que recebiam há 13 anos, pois o custo de vida pelos fins de 1958 já era *dez* vêzes maior do que naquele tempo. E se êsses franceses fôssem vender agora os seus



títulos na Bôlsa de Paris, receberiam apenas 70% do preço que pagaram em 1945 . . . e, ainda por cima, em francos depreciados!

Considere-se também o desastre que isso representa para mais de um milhão de veteranos da Primeira Guerra Mundial, cujas pensões, outrora adequadas, equivalem agora a 300 cruzeiros por mês, ou ainda menos!

Não é de admirar que quase todo mundo na França tenha considerado a inflação um dos maiores males nacionais. Antoine Pinay, ex-Primeiro-Ministro, a quem De Gaulle confiou a pasta da Fazenda, diz o seguinte: "A inflação corrompe tudo—o equilíbrio orçamentário, os investimentos, a segurança nos empregos, a legislação social, a sanidade moral de tôdas as classes e até o prestígio nacional no exterior."

Como é, então, que o econômico e sensato povo francês se deixa dominar por êsse mal?

Na resposta a essa questão iremos encontrar um alarmante exemplo de como é possível ocorrer uma desastrosa inflação quando um govêrno gasta constantemente quantias imensamente maiores do que as que recolhe com os impostos.

As monstruosas despesas de duas guerras mundiais, juntamente com as campanhas militares de pós-guerra na Indo-China e na África do Norte, foram as causas principais da inflação na França. Mas além da pesada carga das despesas militares, e do custo do reequipamento industrial no após

guerra, o Estado assumiu o encargo adicional das despesas com a previdência social e com as subvenções para a manutenção dos preços. Ao mesmo tempo, o valor do franco desceu cada vez mais. Dessa maneira permitindo que a moeda fôsse perdendo seu poder aquisitivo, o govêrno tira dos cidadãos com a mão esquerda o que tão generosamente lhes dá com a direita.

A obsessão dos políticos franceses de contentar a todo custo os seus eleitores—mesmo com o risco de fazê-los pagar caro amanhã pelos favores que lhes são concedidos hoje—também tem concorrido para que o número de pessoas que figuram nas fôlhas de pagamento do govêrno seja cada vez maior. A França tem agora de sustentar uma máquina administrativa imensamente cara, superlotada de funcionários e por vêzes ineficiente. Um relatório feito em 1958 revela que, do contingente total de trabalho de 21 milhões de franceses, uns 3 1/4 milhões de homens e mulheres—funcionários públicos, classes armadas, trabalhadores das indústrias nacionalizadas—vivem do que lhes paga o Estado. Se incluirmos as pessoas que recebem pensões do govêrno, o total será de cêrca de seis milhões e meio.

As despesas com todos êsses empregos são um estímulo a mais à inflação. A França é, depois da Rússia e da Noruega, um dos países mais socializados do mundo. Em teoria, pelo menos, o govêrno paga 80% de tôdas as despesas de farmácia e parte



de muitas contas do médico. Custeia quase tôda a educação, desde a escola maternal à universidade. A mãe francesa média que não pode ir trabalhar porque precisa cuidar dos filhos é também recompensada. As famílias de três ou mais filhos recebem outros auxílios. Viajam, por exemplo, com grandes descontos nas companhias de ônibus, estradas de ferro e trens subterrâneos pertencentes ao govêrno.

O resultado de tôda essa generosidade socialista para com os franceses tem sido, porém, infeliz. O povo francês vem aprendendo que, embora seja muito bom que o Estado cuide o mais possível do bem-estar dos seus cidadãos—ajudando-os com tôda a espécie de auxílios econômicos e dando-lhes empregos—é preciso cada vez mais dinheiro para cobrir as despesas feitas com essa generosidade. E para conseguir mais dinheiro o Estado vê-se forçado a imprimi-lo.

Pouco antes da Primeira Guerra Mundial, a França tinha papel-moeda em circulação no valor de seis bilhões de francos. No fim da guerra, havia 30 bilhões de notas em circulação. Pouco antes da Segunda Guerra Mundial, o volume das notas do Banco da França tinha subido para 142 bilhões de francos. Terminada a Segunda Guerra, dera um salto para 650 bilhões. Pelo fim de 1958 era de 3.400 bilhões de francos (cêrca de 720 bilhões de cruzeiros pelo câmbio atual). Assim, a Casa da Moeda da França se tornara um

agente direto da inflação nacional.

As conseqüências têm sido desastrosas. Nos últimos dois anos, enquanto os salários se elevaram bem pouco, os franceses pagaram 70% mais pelas batatas, 60% mais pelas cenouras. O presunto, sempre constante na mesa francesa, subiu 15% nos últimos 18 meses, malgrado cuidadoso contrôle governamental. Disse Albert Morieux, proprietário de uma mercearia no populoso bairro parisiense de Montparnasse:

—Com o custo de vida duplicado e subindo constantemente, os fregueses reduzem suas compras depois da primeira quinzena de cada mês. O resultado disso é uma grande queda de movimento para nós.

Assim, a inflação tem prejudicado ao mesmo tempo fregueses e comerciantes!

Para interromper a ascendente espiral de salários e preços, observada há vários anos, o govêrno de De Gaulle lançou um programa de corajosa reforma econômica e monetária. Seus salutares efeitos não serão completamente sentidos antes de decorridos alguns meses. Entrementes, os franceses devem suportar com resignação um período de sacrifício e austeridade como punição pelos longos anos de erros e descuidos econômicos.

A desvalorização monetária e outras medidas ousadas impostas à França nos últimos dias de 1958 significarão o fim da inflação ou apenas uma interrupção temporária da vertiginosa espiral ascendente?



Os próximos meses o dirão . . . mas o presente artigo nos dá um vívido quadro dos estragos que a inflação causou entre o povo francês nestes últimos anos.

Nessas condições, depois de 40 anos de inflação, o povo francês começou finalmente a compreender que não havia grande diferença entre o Estado e o indivíduo no que diz respeito a um orçamento. Nem um nem outro podem viver por muito tempo acima dos seus meios. Claro que o crédito do Estado é infinitamente maior do que o do mais rico indivíduo. Mas nem mesmo o crédito do govêrno federal pode durar indefinidamente. Quando o Estado fica muito endividado, seus cidadãos é que acabam arcando com o fardo. Neste caso, são as pessoas que vivem de uma renda fixa que sentem mais dolorosamente o pêso. O que se passou na França significa

que a assistência social e a aposentadoria, conseguidas a poder de inflação, não são, a rigor, nem assistência nem aposentadoria. Não passam de lôgro e embuste.

Êsse sombrio quadro do que acontece quando um govêrno tenta viver acima dos seus recursos está em evidência hoje não só na França, mas também na Argentina, no Brasil, no Chile, no Peru e em outros lugares. Em outros países, a advertência ainda não foi perfeitamente compreendida, mas será bom que o seja quanto antes, se se quiser evitar o desastre.

Na França, o povo descobriu que, contrariamente a tôdas as brilhantes promessas dos seus políticos, o Estado nada lhe poderá dar de graça. De uma forma ou de outra, no fim, os cidadãos é que têm de pagar. Quando não pagam com impostos, pagam com a inflação, que é o maior e o mais cruel de todos os impostos.



**E**U VIVIA nos Estados Unidos há quase um ano quando minha irmã, que acabava de chegar, manifestou grande espanto ante a distribuição da riqueza nos Estados Unidos:

—Até o bombeiro chega num carro colossal, novo em fôlha.

E a palavra “até” no comêço da frase causou-me um choque que eu nunca mais hei de esquecer. “Até o bombeiro . . .” As palavras me chegaram através de um Oceano Atlântico de distância. Havia um ano que eu não ouvia ninguém dizer coisa parecida.

Se alguém pudesse escrever um livro intitulado *Até o Bombeiro*, no qual conseguisse dar aos europeus uma percepção exata de quanto essa frase é desprovida de sentido para os americanos, estaria prestando à compreensão americano-européia uma contribuição maior do que qualquer outra já prestada até agora. A falta de consciência de classes é o maior abismo que existe, quanto à concepção social, entre europeus e americanos.

—Bryan Magee, escritor inglês